

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.v16e12021111-123>

Recebido em 29/12/2020. Aprovado em 18/07/2021.

ENTREVISTAS COM O ATOR CARLOS VEREZA INTERVIEWS WITH THE ACTOR CARLOS VEREZA

Gabriela Rocha Rodrigues*

As entrevistas com o ator Carlos Vereza foram realizadas no dia 05 de junho de 2015 e no dia 23 de julho de 2016 e fazem parte da minha Tese de Doutorado, defendida em 2019. É importante ressaltar que tais entrevistas foram realizadas na modalidade aberta, que prioriza a informalidade entre entrevistado e entrevistador, e que foram transcritas obedecendo a fala literal dos envolvidos, em uma tentativa de garantir a máxima fidelidade documental. Nelas, o ator Carlos Vereza revela o processo de recriação de Graciliano Ramos na adaptação fílmica *Memórias do cárcere*, de Nelson Pereira dos Santos. A interpretação de Vereza constrói uma imagem íntegra e unificada do homem que sofre a violência do cárcere. Esta é simbolizada pelo definimento dos prisioneiros e pela decadência física de Vereza, que não mediu esforços para incorporar a figura de Graciliano Ramos.

ENTREVISTA REALIZADA EM 5 DE JUNHO DE 2015, RIO DE JANEIRO

Rodrigues: Vereza, em primeiro lugar, muito obrigada pela tua colaboração.

Vereza: Pois não.

Rodrigues: Muito obrigada, muito obrigada mesmo. O senhor recorda qual foi a primeira obra do Graciliano que leu?

Vereza: Olha... *Angústia*.

Rodrigues: *Angústia*... É a sua obra preferida?

Vereza: Depois de *Memórias* é. É porque... o *Angústia*, como toda obra dele... ele nunca foi um político engajado, ao contrário do que pensam, ele era um existencialista. E o *Angústia* é o filme que o Nelson gostaria de ter feito depois do *Memórias do Cárcere*.

Rodrigues: E o *Memórias*?

Vereza: Já tinha o ator né... para fazer o filme... quando o Nei Santana chegou pro pai, Nelson Pereira dos Santos, e disse: “Ô pai, vamos fazer outro teste pro Graciliano?”

* Doutora em Letras – Estudos Literários, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: gabrielarochaliteratura@gmail.com.

“Mas já tem o ator, colega”. O Nei voltou a falar com o pai, aí... me chamaram pra fazer o teste. Aí eu comecei a fazer o teste, aí no meio do teste... me deu um negócio e... “Não, não precisa continuar o teste. Eu sou o Graciliano”. Aí eu... fiquei. Passei no teste.

Rodrigues: Como é que o senhor se preparou para o papel? O senhor entrou em contato com a família do Graciliano... antes?

Vereza: Não; primeiro eu tinha que perder 11 quilos. E no Brasil não tinha e não tem uma estrutura pra você perder peso ou ganhar peso. Então, eu ia passando numa rua assim, eu vi a revista *Cláudia*, aí eu... folhei a revista *Cláudia*... e tinha lá uma dieta, na revista *Cláudia*, que era arroz integral e salada, aí eu fiz por minha conta, perdi 11 quilos e meio. E durante o filme eu fui internado três vezes, porque eu não sabia que eu tinha que comer açúcar também. Eu não comia, eu só vivia desmaiando blam, blam, blam. E aí eu fiz com a receita da revista *Cláudia*. Comecei a filmar já tendo perdido os 11 quilos e meio, em Maceió. O filme começou lá né? Como é que é a pergunta mesmo?

Rodrigues: Como que o senhor se preparou para viver o Graciliano?

Vereza: Ah, sim. Aí eu cisme de conhecer não a família, mas o engraxate do Graciliano. Aí lá em Maceió, eu fui lá pra Palmeiras dos Índios, e conheci o... o engraxate dele, o seu Antônio, e ele me contou que o Graciliano era muito sistemático, gostava de lavar a mão toda hora, entendeu? E tinha feito um governo excepcional, como prefeito... os porcos andavam pela rua... ele mandou construir um matadouro, com azulejo; ele fez uma... ele fez uma belíssima campanha, [RUÍDO] a tal ponto que quando ele mandou o relatório pro governador de Alagoas, o relatório era tão bem escrito que o governador mandou pro Augusto Frederico Schmidt, e ele achou aquele texto tão bem escrito que ele mandou uma carta pro Graciliano dizendo: “Mande com certeza o romance que você deve ter guardado na gaveta”. Aí ele mandou o romance e estourou como romancista. Aí depois eu fui conhecer a dona Heloísa, querida também né? que acompanhou a filmagem inteira, né. Inclusive, teve uma cena que eu falei *pra*; ela dizia: “Não Vereza, é *para*. Mesmo em casa o Graciliano falava *para*”. Aí eu fiz o filme todo falando *para*. Aí um imbecil de um crítico, que já morreu, que Deus o tenha e o perdoe, botou que eu estava excepcional como Graciliano Ramos, mas que eu falava *para*, muito preciosismo. Quer dizer, ele não foi procurar saber que o Graciliano até em casa não falava *pra*. Ele era *para*. Ele, ele cultuava tanto a língua, o idioma, que ele riscava com um lápis a palavra que ele não gostava, depois riscava com caneta, por fim amassava com cigarro; o rigor dele, de copidesque dele mesmo. A tal ponto que quando ele estava preso e lançaram *Angústia* na prisão, ah... ele foi cortando tanto, cortando tanto, cortando tanto... que a dona Heloísa disse: “Graça, se você continuar cortando, não vai ter livro pra publicar, vai ser uma página em branco”. Então esse rigor dele pra... ele não falava *pra*, nunca falava *pra*. E dona Heloísa dizendo: “Vereza, fale *para*, porque era assim que ele falava até para pedir um café em casa”.

Rodrigues: E o gestual do Graciliano, o senhor... hã...

Vereza: Sim, aí foi através de fotos...

Rodrigues: ...o caminhar dele, a perna...

Vereza: Exatamente. É, é... aí, eu, eu vi fotos, eu reparei que ele cruzava a perna e sempre com o cigarro na mão direita né, sempre com o cigarro na mão direita. E... é engraçado... eu nunca tinha visto ele né, ele morreu bem antes. Mas eu percebi a circunspecto... ele era muito circunspecto. Muito circunspecto. E o que que eu fiz: eu não largava o fil... o livro durante a filmagem... o Nelson dizia: “Larga o livro Vereza...”. “Não, deixa”. Eu não largava o livro. Então através do livro eu fui percebendo o gestual dele; mais a ajuda da dona Heloísa né? Que dizia: “Mas Vereza como é que você sabe que ele cruzava a perna assim... Aí, eu não sei explicar. Nem tudo é explicável. Esse papo de que o ator sabe tudo, teoriza tudo, não é por aí... a gente tem um *insight*... né Zé¹... Tem uma coisa da intuição que é muito importante. Eu não sei explicar tudo, nem quero.

Rodrigues: Em carta à irmã Marili, datada de 23 de novembro de 1949, Graciliano faz a crítica de um romance escrito por ela e expõe as motivações que devem fundamentar a obra de arte:

Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. Além disso, não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, (VEREZA: Isso...) só podemos expor o que somos. E você não é Mariana [personagem do conto escrito por Marili], não é da classe dela. Fique na sua classe, apresente-se como é, nua, sem ocultar nada. Arte é isso (GRACILIANO RAMOS *in* MORAES, 2012, p. 230).

Assim, eu lhe pergunto: o que é *arte* para Carlos Vereza? E quais as motivações que fundamentam a sua arte?

Vereza: Olha, eu repetiria literalmente o que está escrito aí. Não existe personagem. Existe... como nós... como nós somos, desde pessoas fantásticas até as pessoas mais mesquinhas... nós temos dentro da gente, a gente quando é confrontado com determinado texto, a gente tem que ter coragem de encontrar em nós aquilo que é parecido e representa o que chamam de *personagem*, entre aspas, né? Então, por exemplo, eu não sou Iago, mas... eu devo ter alguma coisa em mim do Iago, eu tenho que ter coragem de colocar esse meu lado Iago pra fora. Então eu repetiria exatamente isso que ele falou... em relação ao romance.

Rodrigues: No final do regime militar, Nelson Pereira dos Santos leva mais uma vez uma obra de Graciliano Ramos para as telas – *Memórias do cárcere*. Ele havia filmado antes *Vidas Secas* e, agora com *Memórias do Cárcere*. Vereza quais as suas motivações para dar vida ao escritor Graciliano Ramos? Como é que o senhor decidiu: quero fazer esse papel?

¹ O professor e cenógrafo José Dias estava presente no momento da entrevista.

Vereza: Pelo lado existencialista; não foi pelo lado político. Porque ele entrou pro partido Comunista depois que saiu da prisão. Ele é sartreano. Isso foi dito por um crítico na França; eu que vou lembrar... Le Clézio, um escritor francês, ele disse isso quando viu o filme... ele ficou maravilhado... “Isso é uma obra sartriana”, quando viu *Memórias do Cárcere*. O francês se identifica muito com esse filme. O Graciliano dizia muito isso, assim: “Pra mim tanto faz estar preso dentro ou fora”. Ele dizia muito isso: “Pra mim tanto faz estar preso dentro ou fora”.

Rodrigues: O que Carlos Vereza conheceu de si mesmo ao interpretar Graciliano Ramos para o cinema?

Vereza: Olha, eu tive tamanha dedicação com ele que eu vou contar uma coisa inédita agora, a tal ponto que passado o filme, uma das filhas, que eu não vou dizer o nome, ligou pra mim e... “Olha a minha filha vai casar; você poderia vir vestido de Graciliano Ramos pro casamento? Porque quando eu olho pro filme agora o rosto do meu pai é você”. Eu falei: “não, não vou. Vou como Vereza, tá bom?”. [Referindo-se à filha]: “Não, mas você agora pra mim é o meu pai”. O filho também disse: “A partir de agora nós vamos ver o rosto do meu pai como seu rosto”.

Rodrigues: Ricardo Ramos.

Vereza: Ricardo...

Rodrigues: Como foi a filmagem no que diz respeito à convivência entre os atores, lembrando aqui de Jofre Soares, por exemplo, que já havia trabalhado com Nelson em *Vidas Secas*?

Vereza: Olha, o Nelson é tão bom diretor que ele não dirige; o bom diretor não dirige. O bom diretor cria uma ambiência criativa e cabe ao ator sacar aquela ambiência criativa e ser um cocriador. Então, eram mais de quinhentos figurantes na Ilha Grande, né? Eu tenho que ser justo historicamente, eu não tive... não por culpa do Nelson, por culpa da estrutura do país, eu não tive médico no platô... eu não tive... como o Robert De Niro teve pra engordar vinte quilos, toma aqui uma pílula, agora um pouquinho de macarrão, um pouquinho de queijo, tira o feijão, não... é revista Cláudia, tá entendendo?... Então, por isso eu desmaiei três vezes durante as filmagens... Quer dizer, eu fiz esse filme com sangue, com garra né, porque eu sabia que também era um depoimento da minha geração em relação às ditaduras que o país passou, entendeu? Então eu fiz com essa garra, né. Mas ah... Do ponto de vista de estrutura, nenhuma.

Rodrigues: Talvez as cenas mais comoventes do filme sejam aquelas em que Graciliano é procurado pelos presos mais humildes e marginalizados – [*Vereza: me bota no livro*] ladrões, homossexuais, malandros, etc. e todos pedem para “aparecer” no livro que ele está escrevendo, e tentam ajudá-lo de alguma forma: roubam lápis, papel, escondem as folhas para ele... Gostaria que o senhor falasse um pouco sobre essas cenas.

Vereza: Ela é comovente realmente, porque... tinha o Wilson Grey, maravilhoso, ele fazia um ladrão né, ele era um ladrão; e o sonho dele era entrar no livro, toda hora ele pedia para o Graciliano: “Me bota no livro”. Aí contava uma história, contava um caso, enfim.

Rodrigues: Era o *Gaúcho*.

Vereza: *Gaúcho*.

Rodrigues: Era o *Gaúcho*.

Vereza: O Wilson? O Wilson é gaúcho, é?

Rodrigues: Era o *Gaúcho*... no filme e no livro.

Vereza: Ele era o *Gaúcho*, é... o *Gaúcho*, o *Gaúcho*. Ele conta como saiu da prisão, os golpes que ele dava né. E o Graciliano põe ele no livro, você lê o livro... você lendo o livro, o *Gaúcho* tá lá. O *Gaúcho* tá lá. Uma outra cena comovente também, é quando vão tomar os papéis do Graciliano, no final, não sei se eu tô me antecipando...

Rodrigues: Não...

Vereza: ... e cada preso vai passando uma folha pro outro, uma folha pro outro, uma folha pro outro, e o guarda não consegue pegar... os papeis né.

Rodrigues: Qual a cena mais marcante do filme para o senhor?

Vereza: É quando cortam o cabelo dele. E ele não dá a menor importância para aquilo, né. Um intelectual. Ele continua fumando enquanto o cara vai raspando o cabelo dele, né.... e fica careca.

Rodrigues: As cenas com a Glória Pires, que interpretou a Heloísa, me comoveram muito; achei cenas muito doces, muito intensas... e Graciliano não falava muito nessas cenas, ao mesmo tempo o silêncio dele dizia tudo. Como é que foi pro senhor o trabalho em conjunto de vocês?

Vereza: A Glorinha é querida, eu fiz muitos trabalhos com a Glorinha... Ela era muito jovem na época quando fez o filme, né. Ih... É, ela... A Glorinha é um bicho que eu chamo de “bicho cênico”, ela interpreta como vai daqui até aquela porta, volta... nasceu assim, nasceu assim. E ela fez uma Heloísa que a própria Heloísa ficava comovida. A própria Heloísa... E eu via nela uma grande parceira né; ela devia ter o quê? ... 19 anos quando fez o filme, por aí, no máximo... E ela fez brilhantemente na minha opinião.

Rodrigues: Já no final da vida ah... enquanto o Graciliano escrevia *Memórias*, a cúpula do PCB colocou um... alguém, alguém, um espião que comparecia às reuniões em que ele lia a obra para, na verdade, há... dar notícias sobre o livro. E a cúpula do PCB não queria a publicação de *Memórias* e nem de *Viagem*, porque o Graciliano. [Vereza: ele não gostou da Rússia] fazia referências pouco lisonjeiras à União Soviética. A família Ramos

rejeitou essa... [Vereza: intromiss...] opressão do PCB e publicou os dois livros. O filho Ricardo, quarenta anos depois, comentaria o seguinte: “*Memórias do Cárcere* incomodou e irritou porque o velho preservava sua independência intelectual” (MORAES, 2012, p.263).

Vereza: Existencialista, exatamente, é.

Rodrigues: Qual o papel do intelectual para Carlos Vereza?

Vereza: O intelectual tem que ser um livre pensador. Ele tem que refletir sobretudo a época em que ele vive. Ele não pode passar em branco. O tempo que você tem pra viver você tem que testemunhar isso. Você tem que testemunhar isso. Não levantando bandeira, nem de um ponto de vista pedagógico nem didático; mas de uma forma existencial você tem que testemunhar sua época. Né... foi o que ele fez né... e eu concordo com ele.

Rodrigues: Há uma cena no final do filme que mostra Graciliano/Vereza saindo da prisão. Ele deixa o galpão dos presos na Colônia Correccional de Dois Rios pela última vez; por trás do cercado, os prisioneiros Gaúcho, Desidério e Cubano se aproximam para se despedir do companheiro que está prestes a deixar a Ilha Grande. Na cena seguinte, encontramos Graciliano fora dos portões da Colônia. Ele sorri ao sentir que a liberdade se aproxima e, num gesto de rara empolgação, lança para o alto seu surrado chapéu de palha, celebrando seus últimos instantes de cárcere. Um corte rápido apresenta a embarcação em alto-mar – é a última imagem de *Memórias do cárcere*, de Nelson Pereira dos Santos. Essa cena nos remete a várias possibilidades de análise. Será que talvez represente que a liberdade é apenas uma breve sensação e jamais um estado? Sempre estamos encarcerados de alguma forma?

Vereza: Eu volto ao Papa. São momentos de liberdade, né. A felicidade não existe, existem momentos de felicidade. Então, é... Volto ao Le Clézio quando ele diz que o filme é sartreano. Porque o... Quando ele diz que para ele tanto faz ser preso dentro ou fora, ele, ele te dá uma visão de mundo nessa, nessa frase curta né. Ele te dá uma visão de mundo. Então eu acho assim, quer dizer, ele, a liberdade para ele, paro Graciliano... ele se via preso, inclusive, no começo do filme, quando a Heloísa ficava falando, falando, falando, falando... [RUÍDO] E ela disse para ele no filme: “Você com as suas amantes”, lembra? Logo no início do filme.

Rodrigues: Como foi a consagração do filme, em especial de sua interpretação, em Cannes?

Vereza: Eu sou suspeito. A nossa equipe era pequena, era... não tinha dinheiro. A nossa comitiva era dois: eu e o Nelson. Passaram lá o ... o filme lá do Cacá, não me lembro o nome agora. Lá no... E eu e o Nelson esperando né... pra passar na Mostra Paralela... quando eles viram o filme foi um sucesso! Aí era aquela tropa de jornalistas atrás da gente... onde a gente ia era aquela tropa de jornalistas né... e... nós ganhamos o Prêmio da Crítica Mundial, na Índia eu ganhei o Pavão de Prata. Pega ali... Roberto pega ali o Pavão... Ninguém no Brasil sabe disso. Eu até acho bonito você ter essa preocupação. Eu ganhei Harrison Ford, todos os atores do mundo competindo... eu ganhei o melhor ator. Eu ganhei esse prêmio aqui ó, o Pavão de Prata, na Índia. Tá em inglês e indiano.

Rodrigues: Lindíssimo, merecidamente.

Vereza: Obrigado. Ganhei Molière, ganhei... os prêmios que tinham né. Mas isso não vale nada; vale pra você, pro Dias. O Brasil não tá nem aí que eu ganhei esse prêmio. O único ator do Terceiro Mundo que ganhou esse prêmio. Não tem a menor importância. Não tem a menor importância, entendeu? Não tem a menor importância. Tem pra mim, pra minha história.

Dias: Fotografa ele para botar...

Vereza: É, eu pensei nisso, é.

Rodrigues: Em sua opinião, quais são os cárceres do Brasil – hoje – levando em consideração a situação político-social na qual nos encontramos onde há desigualdade social em todas as áreas: na cultura, na saúde, na política, na educação etc.

Vereza: O cárcere é a falta de história. É a não-historicidade. Então, a gente ainda não... a gente ainda não fez uma análise sobre a Guerra do Paraguai, Guerra de Canudos, sobre a Inconfidência Mineira, Tiradentes... Então nós temos esses carmas suspensos que a gente não... embora a gente nunca tenha tido uma guerra como na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Europa... a gente tem o cárcere da falta de história, esse é o grande cárcere. Por isso que ele dizia: “pra mim tanto faz estar preso dentro ou estar preso fora”. Eu acho que você devia até colocá-la assim, perto do título do seu trabalho. ... pra ele tanto faz, porque fora da prisão ele tava preso pela história do país.

Rodrigues: A própria colonização...

Vereza: É, a próp... Eu não quero nem falar disso... porque é tão óbvio que a gente foi mais colonizado, a gente foi mal colonizado né... tomaram, tomaram o que havia de mais autêntico quando chegaram aqui, já distribuíram as sesmarias, as capitânicas hereditárias... essa coisa da capitania hereditária ficou depois com os cartórios, dos cartórios passou para os parlamentares no Congresso, é a mesma visão histórica do cartório, a mesma visão histórica da capitania hereditária, que permanece com quinhentos e tantos deputados, senadores, com altos salários e diárias e carros do último ano, entendeu.

Rodrigues: É a exploração incessante.

Vereza: Ela não para, ela não para.

Rodrigues: Então é isso. Muito obrigada.

**ENTREVISTA REALIZADA EM
23 DE JULHO DE 2016, RIO DE JANEIRO**

Rodrigues: Bem. Vereza, estamos novamente aqui trabalhando, contando com sua colaboração e amizade. Eu agradeço imensamente.

Vereza: Tudo bem.

Rodrigues: Eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua formação de ator... escolas, métodos como é que você acabou... como é que iniciou na profissão? Foi por meio de alguma escola ou...

Vereza: Não, não... evidentemente que eu sempre tive uma atração por música eu gostava de cantar, enfim, um dia eu virei para minha mãe e disse: eu vou trabalhar na televisão. Minha mãe é muito legal; disse: tá bom. Aí eu fui para a porta da Tupi.

Rodrigues: humm

Vereza: Fui lá na porta da Tupi... fiquei lá, encostado na pilastra lá... jovem, tinha 19, 20 anos. E nisso passou um produtor, Nelson Camargo, reclamando que alguém faltara e eu nem sabia o que era... eu falei: eu faço. Ele olhou para mim... então vai lá no camarim, põe o *smoking* e vai pro estúdio no ar. Aí eu fui lá pro estúdi... Fui lá, pus o *smoking*, fui para o estúdio no ar e... e era uma figuração onde eu receberia uma grande visita, então eu estava lá de *smoking*, enfim. E a grande visita é um aparelho de televisão Philco. Assim começou a minha carreira. Aí eu fazia muita figuração lá na Tupi... ao vivo, ao vivo, até que um dia uma autora, a pedido do Rafael de Carvalho que foi um grande ator, disse que escreveria um texto né... eu pensei que era tipo: “o jantar tá na mesa”, “boa noite”, alguma coisa assim... rápida né?

Rodrigues: humm

Vereza: E não é que um dia eu chego na Urca... vai lá embaixo no Enel que tem um texto para você. Eu fui lá, peguei o texto... eu era o protagonista de um teleteatro. Na parte da tarde, né? Agora... eu fiquei perplexo. E aí rapaz... eu morava muito longe, né? no subúrbio... aí eu fui para casa e estudei muito aquele texto. No dia seguinte eu fui, era ao vivo né? Aí, eu fiz ao vivo e aí gostaram e me contrataram. Me contrataram. Eu fiquei um ano contratado na Tupi e lá eu fiz um teleteatro com o Durval Dovená Filho e aí ele disse: “Vereza quando acabar o contrato não quer fazer teatro de rua? Trabalhar no Centro Popular de Cultura?”. Eu falei: “O que que é isso?”. “É... a gente pretende colocar artes plásticas, teatro, cinema... tudo mais popular para o povo”. E eu falei: “Legal, legal”. Aí acabou o contrato né? Aí eu fui num prédio da UNE, a UNE de verdade, não é essa agora, e lá tinha a sede do Centro Popular de Cultura e lá eu fiquei três anos trabalhando fazendo teatro de shopping, teatro de jornal, e aí dirigindo o CPC de Niterói, onde eu criei o MPB4, eu fui o criador do MPB4...até o golpe militar. No golpe eu fiquei desempregado. Aí o Abujamra me chama para trabalhar com ele num grupo que ele tinha na época chamado Grupo Decisão. Aí com o Abujamra... eu fiz 4 peças, enfim. Até que a Globo chama o

Dias Nunes para (Roberto! Por favor! [o cachorro Benjamim late muito]). Até que a Globo chama o Dias Nunes pra tornar a novela mais realista né? No lugar da Glória Magadão. Eles, assim: “Vereza tem um papel lá de um frade dominicano 12 capítulos”. Eu falei: “Claro, claro”. Aí eu fiz o Frade que era queimado pela inquisição. Aí, depois o Dias escreveu uma outra novela chamada *Barão Vermelho*, com um papel muito bom, mas ainda era cachê, né? aí eu fiz Barão Vermelho, gostaram, e me contrataram. Aí foi quando eu fiz a novela, que me jogou assim... para uma repercussão fantástica, que foi *Selva de Pedra*. Eu fazia o Miro. Aí eu fiquei contratado um tempo na Globo, depois saí em 78, desempregado, eu resolvi escrever a minha primeira peça *Nó cego*. E montei com o Antônio Pedro. Os dois eram os personagens e com essa peça eu fui... eu ganhei o Revelação de Autor, da Associação Paulista de Críticos de Arte, eu ganhei. [Fala para Roberto: Roberto, por favor, pega uma peça, pega um livro de peças minhas lá]. Aí eu, eu depois eu escrevi uma outra peça chamada *Transamizadas*. Eu ganhei um concurso de dramaturgia com essa peça também. Era eu, Bogos, Antônio Pedro, Diniz F. e direção Paulo José. Aí essa coisa do mercado né? Aí voltei para a Globo e fiz uma novela de grande sucesso que eu ganho o Melhor Ator com a Glória Pires, que foi *Direito de Amar*.

Rodrigues: Eu lembro dessa.

Vereza: Eu fazia o Montserrat...Aí acabou ali. Eu não quis continuar, aí me deu uma melancolia muito grande, me deu uma melancolia muito grande, eu resolvi ir para França, que eu ganhei naquele ano..., eu porque eu ganhei dois Prêmios Melhor Ator no *Memórias do cárcere* e Melhor Ator numa peça do Domingos de Oliveira – *Um brilho na gota de sangue* – e com aqueles dois prêmios... na época dava direito de ficar um ano em Paris. Nessa aqui (me mostra o livro) tem algumas peças minhas e aí eu fui com a minha ex-mulher; aí eu fui na França e eu digo: eu ganhei duas passagens, vocês não podem dar uma passagem para minha filha? aí eles deram uma passagem para minha filha, que tinha 5 anos, aí eu fiz uma tese para o CNPQ, ganhei sete mil dólares, com dois mil que tinha deu \$9000, eu fiquei lá até acabar... foi quando eu encontrei o Zé em Paris, o Zé Dias. Encontrei o Zé completamente resfriado, gripado, levei numa farmácia lá, maior frio e chovendo né? essa foi a primeira vez que o Zé foi a Paris, né Zé? não foi a primeira vez aquela?

José Dias: Aquela ali foi a primeira vez.

Vereza: A primeira vez. Aí eu fiquei lá até acabar o último franco, era franco. Isso a Globo me chama para... não! a Bandeirantes me chama para fazer um seriado com Adriana Costa, não, com a Dira Paes, direção do Walter Campos, um diretor que já partiu e eu gostava muito dele. Foi assim: o ator já tava escolhido para fazer o Graciliano, aí o filho do Nelson Pereira, o Ney Santana: “Vamos tentar um outro teste com um outro ator?”, “Quem?” (alusão à pergunta de Nelson Pereira dos Santos). “Ah, o Vereza, Carlos Vereza”. Aí eu fui fazer o teste aqui na Niemayer, só que no meio do teste eu, eu parei, para para com esse negócio de teste. Eu sou ele, eu sou. Eu vou fazer, eu sou Graciliano. Aí todo mundo ficou perplexo. Eu fui embora para casa e digo, paciência... aí, 15 dias depois me ligaram que eu tinha sido escolhido né... para fazer. E o lado existencial dele me fascina mais que pelo lado político, até hoje.

E aí eu [disse] vou fazer uma interpretação com a mesma economia que ele tinha como escritor – *substantiva*. E foi isso que eu fiz. Uma total... sobretudo porque era um filme de três horas e dezessete minutos né.

Rodrigues: E você, como é que você buscou conhecer sobre os gestos dele? Foi conversando com a família?

Vereza: Com a viúva.

Rodrigues: Com a dona Heloísa.

Vereza: Com a viúva. Ela ia lá, ela acompanhava as filmagens né? E o Nelson... é maravilhoso porque eu dizia: “O Nelson, eu tenho que perder onze quilos e meio. Ah não vou perder... dá para gente filmar pela ordem cronologicamente? E o Vereza num navio tá pronto. Nós vamos arriscar eu digo: “Vamos arriscar”, ele falou. Aí eu comecei a filmar em Maceió e aí eles correndo para aprontar um navio por que era uma obra de arte né? Ele mexia, tinha toda uma maquinaria que fazia ele mexer... fantástico.

Rodrigues: Eu entrevistei o seu Adílio e a Emily.

[RUÍDO. Conversa paralela com José Dias]

Vereza: Adílio. Exatamente. Bom aí eu, eu fui, passei numa banca de revistas comprei a Revista Cláudia, não sei se eu já te contei isso... eu acho que já né? Aí eu fiz aquela dieta maluca da minha cabeça. Eu desmaiava durante o filme porque não tinha uma estrutura para me dar doce, depois uma alguma coisa, enfim. Eu fiz da minha cabeça e durante o filme eu fui internado três vezes.

Rodrigues: Nossa! Por causa da fraqueza?

Vereza: É. Porque eu não sabia... Por causa da dieta que eu inventei né. Que tava na Revista Cláudia. Só que eu não sabia que tinha que comer doce também, aí fiquei hipoglicêmico, aí perdi os onze quilos e meio. E você vê... eu no filme, eu tô um esqueleto né? Eu sou um grande esqueleto.

Rodrigues: Sim.

Vereza: Um esqueleto. A coisa foi tão impactante que o irmão, um dos filhos disse: “Olha a partir de hoje eu vou lembrar do meu pai olhando para você”. E teve um fato inacreditável... uma vez, já passava um ano tanto do filme, 2 anos... e a filha dele liga para mim, me faz um pedido absurdo, não sei se eu já te contei? “Vereza você podia se vestir como Graciliano e vir no casamento da minha filha?”

Vereza: Eu falei: “Cara, você tá brincando né? eu não vou. Se você quiser que eu vá o Vereza, aí eu vou, agora se você quer eu vá como seu avô não vou”. E não fui, né? Porque eles entraram numa, não foi por maldade que ela me convidou... era o mimetismo... você é ele. E aí veio a pergunta. Isso adiantou alguma coisa para minha carreira no Brasil? Não. Rigorosamente não.

Rodrigues: E Vereza... quanto às questões corporais mesmo a questão do Graciliano no livro e você incorporando compondo aquele personagem. O caminhar dele, o modo de olhar, o tom de voz... como é que você foi pensando nisso?

Vereza: É, porque... Eu joguei na intuição e o livro que eu não largava; eu não largava o livro. Espera aí! Isso tem um lado sartreano e eu gosto muito de Sartre. Eu vou por aí. Tanto que tem uma cena no filme que é antológico, eu acho que os caras estão presos lá junto com ele e eles estão redigindo um Manifesto aí eles vão a Graciliano Ramos e pedem para o Graciliano dá uma olhada ele corrige tudo né rabisca tudo né escreve outro Manifesto esse lado dele é que nem cantava né. Ele foi na União Soviética e voltou de lá desencantado.

Rodrigues: Ele foi um grande crítico do comunismo né...

Vereza: É, sim, sim.

Rodrigues: Bem, o que você considera como a marca primeira do Graciliano...

Vereza: O desencanto...Desencanto.

Rodrigues: Desencanto com o quê, ou a tudo?

Vereza: A tudo... a tudo... a tudo, por exemplo, uma das minhas vontades... eu não falo em sonho... porque a minha maior utopia era fazer *Angústia*, uma obra prima dele né?

Rodrigues: Sim.

Vereza: O romance *Angústia* né? Ele tem um desencanto que não chega a ser explícito, mas é uma melancolia que eu tenho, que eu, Vereza, tenho. Eu tenho desde criança, eu tenho isso. E essa melancolia tem me salvado... como quando eu pertenci ao Partido Comunista, eu não acreditava naquilo... até porque eu tinha uma contradição, eu ia para reunião do partido com São Jorge, que eu sou devoto, mas eu nunca me senti bem pertencendo a grupos. A grupos... mesmo na religião. [RUÍDO] mas eu me sinto bem na vida quando eu estou interpretando. Até mesmo porque eu não acredito em personagem... busco em mim circunstâncias parecidas com o texto que vou interpretar, porque eu acho que a gente tem desde, realmente, até São Francisco de Assis dentro da gente, é esse que é o barato... você tem coragem graças a isso... os personagens às vezes mais sombrios.

Rodrigues: Bom, existe algum gesto seu que você na época percebeu que era semelhante ao do Graciliano ou o contrário, algum gesto que você incorporou nesse encontro com ele?

Vereza: A perna cruzada. E a obsessão dele pela palavra deserta. Escrever, depois rabisar, escrever com lápis, depois com cigarro né? até porque a dona Iolanda...

Rodrigues: Heloísa.

Vereza: Heloísa. Perdão! Ela disse para mim uma vez assim: “Vereza, uma vez eu cheguei para o Graci – o apelido dele não era Graça era Graci – no presídio da Frei Caneca e ele riscava tanto *Angústia* e eu disse “Graci, a gente está sem dinheiro, se você continuar riscando tanto, não tem livro para publicar, vai ficar tudo em branco e a gente vai continuar sem dinheiro” [referindo-se a D. Heloísa] porque ele até na prisão rabiscava, rabiscava. O filho dele chegou para ele: “Papai que que você acha desse corte aqui?” [referindo-se a Ricardo Ramos] e ele: “Ah, merda isso” [referindo-se a Graciliano Ramos].

Rodrigues: Ricardo Ramos né? Um ótimo escritor também. Bom, como o escritor Graciliano Ramos influenciou o cidadão Carlos Vereza?

Vereza: Muito, muito, até mesmo porque eu incorporei definitivamente a economia como intérprete através da obra dele, através da obra dele.

Rodrigues: O que importa é a essência.

Vereza: É a essência. Você não precisa fazer muito para mostrar né? Evitar muito subtexto por que isso fica, vai dando uma bagagem, na hora de interpretar você tem que ser quântico, o aqui e o agora, aí você bota o personagem do meio e atrapalha, entendeu... então é aqui e agora, com a circunstância do chamado personagem, entendeu? Se eu fosse fazer Hamlet, eu não tenho mais idade para isso né, se eu fosse fazer Hamlet eu não ia me preocupar muito em ver o meu pai, você tá entendendo? Ia tentar entender, não é... pouca gente sabe, mas as peças do Shakespeare são espíritas. O Hamlet começa com um espectro, o Fantasma conversando com os dois guardas. Ia tentar ver esse lado dele.

Rodrigues: Bem, aqui uma questão bem delicada.

Vereza: Sim, pois não.

Rodrigues: O senhor fala aqui que foi sequestrado né?

Vereza: Sim, sim, sim.

Rodrigues: ...torturado. Como é que o senhor sobreviveu a isso? Como é que você sobreviveu a isso? Venceu... Venceu isso?

Vereza: Eu venci mesmo.

Rodrigues: Venceu.

Vereza: Agora... o trauma durou um tempo né? eu fazia análise, enfim. A Dina me ajudou muito, Dina Sfat. Minha mãe... mas, curiosamente quem me resgatou mesmo disso foi o Espiritismo. As pessoas ficaram espantadas quando eu fui para mídia e declarei abertamente que eu acreditava no espiritismo: “Ah, mas você não era do Partido Comunista”. Ué: “Era, não sou mais, não sou mais”. Quero dizer... e os espíritas me questionam... porque de vez em quando eu faço um pronunciamento político, entendeu? É meio difícil me pegar, entendeu? Acho que eu... meio escorrego assim... porque não tenho uma coisa definitiva, definir é dar fim. Etimologia né? Definir é dar fim. Então, o

quê que eu sou? Hoje eu sou uma pessoa, um vivente passando... num espaço que me deram para viver, no tempo que me deram para viver, passando pelas contradições e a multiplicidade de espelhos que a minha época me mostrou, tem me mostrado, às vezes o espelho me mostra de uma forma, Borges, às vezes o espelho me mostra de outra forma né?

Rodrigues: E Vereza, quanto tempo que você ficou preso?

Vereza: Oito dias, que eram 80 séculos.

Rodrigues: Como?

Vereza: Oito dias que pareceram 80 séculos. É.

Rodrigues: Eu li que você... quando faleceu o... Como é que é o nome dele? Não lembro agora... você falou desse ator, amigo também... Cláudio Marzo.

Vereza: Cláudio Marzo.

Rodrigues: Cláudio Marzo. Por ocasião do falecimento dele você falou que vocês colocaram *Abaixo a ditadura* numa faixa... (risos).

Vereza: Isso é muito engraçado. Eu e o Cláudio Marzo, o Antônio Pedro, o Givaldo, Ginaldo, o produtor. Nós fomos pro Teatro Jovem e pintamos uma faixa “Viva o Vasco” e outra faixa “Viva o Flamengo”, aí nós entramos com isso no Maracanã, a polícia olhou e viu que era uma faixa a favor do futebol, né? Aí uma turma foi para aquele lado do Maracanã e nós ficamos aqui né? Só que atrás da faixa estava escrito *Abaixo a ditadura!*, e antigamente entravam primeiro os aspirantes, jogava o time de futebol de aspirantes. Nesse intervalo, o gramado era invadido por repórteres para entrevistar, pá, pá, pá... que aí entrava o time profissional. Aí, o combinado era que quando desse o intervalo a gente ia jogar a faixa *Abaixo a ditadura!* Quem tava olhando via: “Viva o Vasco”, “Viva o Flamengo”, aí nós jogamos, mas a faixa arreventou e caiu na Geral e o povo gritou: “Vai jogar faixa pra puta que pariu”, entendeu? (risos).

Isso historicamente é genial. E aí as meninas que estavam conosco, cheia de panfletos, jogaram os panfletos na arquibancada; o vento jogou o contrário, essa é a própria história do Brasil, esse episódio é a própria história do Brasil (risos).

Rodrigues: Meu Deus! Sim, tá tudo ao contrário.

Vereza: Foi o vento que trouxe o Cabral pra cá, e esse vento do panfleto né?

Rodrigues: Bem, então é isso obrigada!

Vereza: Foi legal?

Rodrigues: Foi! (risos).

